

Representações da identidade no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo

Vojvoda, Marija

Master's thesis / Diplomski rad

2024

Degree Grantor / Ustanova koja je dodijelila akademski / stručni stupanj: **University of Zagreb, Faculty of Humanities and Social Sciences / Sveučilište u Zagrebu, Filozofski fakultet**

Permanent link / Trajna poveznica: <https://urn.nsk.hr/urn:nbn:hr:131:464444>

Rights / Prava: [In copyright](#) / [Zaštićeno autorskim pravom.](#)

Download date / Datum preuzimanja: **2024-11-10**



Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
University of Zagreb
Faculty of Humanities
and Social Sciences

Repository / Repozitorij:

[ODRAZ - open repository of the University of Zagreb
Faculty of Humanities and Social Sciences](#)



Universidade de Zagreb
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Departamento de Estudos Românicos

Representações da identidade no romance *Ponciá Vicêncio* de Conceição Evaristo

Tese de mestrado

Mestranda:
Marija Vojvoda

Orientadora:
dr. sc. Majda Bojić

Zagreb, setembro 2024

Sveučilište u Zagrebu
Filozofski fakultet
Odsjek za romanistiku
Diplomski studij portugalskog jezika i književnosti

Problematika identiteta u romanu “*Ponciá Vicêncio*” Conceição Evaristo

Diplomski rad

Student:

Marija Vojvoda

Mentorica:

dr. sc. Majda Bojić

Zagreb, rujan 2024

IZJAVA O AUTORSTVU DIPLOMSKOGA RADA

Ovim potvrđujem da sam osobno napisala diplomski rad pod naslovom
Problematika identiteta u romanu "Ponciá Vicêncio", Conceição Evaristo

i da sam njegova autorica.

Svi dijelovi rada, podaci ili ideje koje su u radu citirane ili se temelje na drugim izvorima (mrežni izvori, udžbenici, knjige, znanstveni, stručni članci i sl.) u radu su jasno označeni kao takvi te su navedeni u popisu literature.

Marija Vojvoda

Zagreb, rujan, 2024.

Resumo

No presente trabalho abordamos a questão da identidade, que é cada vez mais importante devido às transformações da vida cotidiana acelerada e caracterizada pelas constantes migrações. Tratamos a questão da identidade através do romance Ponciá Vicêncio, da autora brasileira de ascendência africana, Conceição Evaristo. A personagem principal do romance é uma mulher negra, Ponciá Vicêncio, que através de suas memórias tenta construir sua identidade, autorreconhecer-se. Desde o nascimento ela carrega um grande peso que herdou de seus parentes e é marcada pelo severo sofrimento que o povo afro-brasileiro passou. Ela tenta se livrar dessa história familiar sofrida migrando para a cidade, mas não consegue sobreviver sem suas raízes e retorna ao campo para sua família. Por mais importante que seja um indivíduo para a criação de identidade, ele não pode sobreviver sozinho sem um coletivo, que o seguirá para sempre, mesmo que apenas através das memórias.

Palavras-chave: identidade, migração, herança, mulher negra, afro-brasileiro, raízes, campo, cidade, coletivo

Sažetak

U ovom radu dotičemo se pitanja identiteta, koje je zbog današnje ubrzane svakodnevnice i konstantnih migracija više u prvom planu. Problematiku identiteta obrađujemo kroz djelo *Ponciá Vicêncio*, brazilske autorice afričkog porijekla, Conceição Evaristo. Glavna junakinja romana je crna žena, Ponciá Vicêncio, koja kroz svoja sjećanja pokušava izgraditi svoj identitet, doći do spoznaje same sebe. Naime, ona od rođenja nosi veliki teret koji je naslijedila od svojih bližnjih te je obilježena teškom patnjom kroz koju je prošao potlačeni afrički narod. Pokušava se riješiti tog tereta tako što migrira u grad, no, ipak ne može opstati bez svojih korijena i vraća se na selo svojoj obitelji. Koliko god da je za stvaranje identiteta bitan čovjek kao individua, on ne može opstati sam bez kolektiva, koji će ga zauvijek pratiti, makar samo kroz sjećanja.

Ključne riječi: identitet, migracije, sjećanje, naslijeđe, crna žena, afrički narod, korijeni, selo, grad, kolektiv

Índice

Resumo

Sažetak

1. Introdução	7
2. A identidade	9
2.1. “Fase do espelho”	11
2.2. A globalização	12
2.3. A tradição.....	13
3. Conceição Evaristo	14
3.1. O estilo	17
3.2. As obras	18
4. Representações da identidade no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo	21
4.1. Ponciá Vicêncio.....	23
4.2. Outras personagens	26
5. Conclusão.....	29
6. Bibliografia	31

1. Introdução

"Se pensarmos que o discurso literário é um discurso que muitas vezes veicula a identidade de uma nação de uma forma muito mais possível de ser lida, muito mais possível de ser reconhecida, do que o próprio discurso histórico, e que, muitas vezes também, o discurso literário, ele serve como base para poder se pensar a própria história da nação, então, esse discurso, ele tem que ser diverso, na medida que há um discurso em Brasil que é um país multicultural." (Evaristo, 2019)

Nesse trabalho põe-se em questão a ideia de identidade plenamente unificada e coerente. Durante o passado, muitos teóricos escreveram sobre a identidade e até hoje não existe uma definição única desse termo. Nesses dias é difícil falar sobre só uma identidade, mas invés, trata-se das identidades múltiplas que estão em nós. As mudanças do *tempo-espaço* nos afetam e como o teórico Stuart Hall (2006) constata: as identidades tornam-se “*deslocadas*” ou “*fragmentadas*”.

No início do trabalho, nos mencionamos os teóricos importantes que escreveram sobre a questão da identidade. Ao lado do Hall que desenvolveu três conceitos de identidade através do passado, um outro teórico famoso é Maurice Halbwachs que na sua obra “*A memória coletiva*” (1925) enfatiza a importância da memória e do coletivo no processo de construção de nossa identidade.

Como os afrodescendentes no Brasil são um grupo étnico que sofreu muitas mudanças ao longo da história recente desse país a questão da identidade é um dos temas principais dos escritores negros afro-brasileiros.

Na segunda parte do trabalho, abordamos a escritora Conceição Evaristo. A escritora negra e feminina. Ambos os adjetivos *negra* e *feminina* são raros se pensarmos na história oficial da literatura brasileira, mas, graças a sua escrita, Conceição Evaristo chegou a representar um nome incontornável da história da literatura brasileira atual e hoje em dia, ela está uma das mais famosas escritoras brasileiras. No nosso trabalho, falamos da sua biografia, do seu estilo de escrita e das suas obras. Especialmente nos concentramos na obra *Ponciá Vicêncio*.

Na terceira parte do trabalho fazemos uma análise da personagem principal do romance Ponciá Vicêncio, a análise da sua identidade, da identidade de uma mulher negra. A sua identidade é

formada através de memórias que nos conduzem ao processo de descoberta da identidade, o processo de identificação da Ponciá que começa na sua infância. Dum lado temos a personagem da Ponciá como um indivíduo, mas doutro lado, temos a também como a parte da sociedade, do coletivo. Dum coletivo negro, marginado e oprimido. Nos ambos casos, a Ponciá chega ao autoconhecimento através do pensamento. Trata se duma identidade moldada pelo tempo, do passado ao presente, e pelo lugar, pelo lugar onde a Ponciá se sente como em casa, no povoado com a sua família, e pela migração para novos lugares, para a cidade em busca duma vida nova, duma vida melhor. É uma identidade moldada pela herança, pelo que os seus antepassados lhe deixaram.

2. A identidade

A identidade é um conceito muito complexo, que, embora muitas vezes discutido, é infelizmente muito pouco desenvolvido. Uma das razões é que ao longo do passado o conceito de identidade mudou muitas vezes, e até hoje, porque o conceito de identidade é influenciado por muitas coisas. Devido a essas mudanças frequentes e repentinas, nasce o termo “crise de identidade”. Stuart Hall (2006), encontra a explicação deste termo na declaração de que as identidades modernas estão sendo “descentradas”. Ele também costuma usar outros termos para essa afirmação, como: as identidades “deslocadas” ou “fragmentadas”. Trata-se de uma perda de um “sentido de si”, provocada pelas transformações culturais, da etnia, raça e nacionalidade, do gênero. Por outro lado, Mercer (1990, citado em Hall, 2006) afirma que a identidade só é questionada se está em crise.

Olhando através do passado, Hall (2006) desenvolveu três conceitos de identidade:

1. Sujeito do Iluminismo,
2. Sujeito sociológico,
3. Sujeito pós-moderno.

O sujeito do Iluminismo é uma concepção individualista. Trata-se de identidade de só uma pessoa, o indivíduo continua "idêntico" a ele ao longo da sua existência. A sua essência continua do seu nascimento até a morte. O Iluminismo põe no centro o Homem racional, "científico, libertado do dogma e da intolerância" (Hall, 2006, p. 26). Uma figura importante que deu a essa concepção do sujeito sua “formulação primária”, segundo Hall (idem), foi René Descartes. Segundo ele, um indivíduo é cada pessoa que possui razão, que tem capacidade para pensar – *Penso, logo existo*. (René Descartes, 1637) Outra pessoa que apoiou essa teoria foi o filósofo inglês John Locke. Ele diz que: "...a identidade de pessoa alcança a exata extensão em que sua consciência pode ir para trás, para qualquer ação ou pensamento passado." (Locke, citado em Hall, 2006) Mesmo no século XVIII, o foco estava no indivíduo, mas à medida que as sociedades se tornavam mais complexas, o foco estava no coletivo.

O sujeito sociológico vê o indivíduo na relação com outras pessoas, na interação entre o eu e a sociedade. Santos e Gomes (2013) diz que no momento que as entidades como a família, a igreja, o trabalho, que davam o apoio para o indivíduo, começaram a cair em crise, o indivíduo

tornou se fragmentado. Agora, ele está composto de várias identidades, pode se identificar de modo positivo ou negativo com o seu meio cultural e por isso algumas vezes essas identidades são contraditórias ou não resolvidas. Então, o processo da identificação tornou-se ainda mais problemático. Essa complexidade do sujeito no século XX é a tema popular entre os escritores daquele século. Indivíduo tem um papel social, a sociedade não pode existir sem indivíduos e os indivíduos não podem existir sem a sociedade. Cada pessoa é moldada e influenciada pelas pessoas ao seu redor. Elias (1994) o afirma assim: "o indivíduo é parte de um todo maior, que ele forma junto com outros. "

Outro teórico importante para o estudo do conceito de identidade é Maurice Halbwachs. Com o termo memória coletiva ele queria ressaltar a importância do grupo na construção das memórias dos indivíduos. "Mas nossas lembranças permanecem coletivas, e elas nos são lembradas pelos outros, mesmo que se trate de acontecimentos nos quais só nos estamos envolvidos, e com objetos que só nós vimos. Não é necessário que outros homens estejam lá, que se distingam materialmente de nós: porque temos sempre conosco e em nós uma quantidade de pessoas que não se confundem." (Halbwachs, 1990, p. 26) Segundo ele, nunca lembramos sozinhos. E a memória e a identidade são indissociáveis. Também o historiador Jacques Le Goff salienta a importância da memória para a construção da identidade: "A memória é um elemento essencial do que se costuma chamar identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje." (Le Goff, 2003)

Precedido por estes dois, surge o sujeito pós-moderno. Identidade, além de ser fragmentada, agora é também deslocada, definida historicamente. As identidades assumem se em momentos diferentes e alguém que pensa que tem uma identidade plenamente unificada e segura, vive numa fantasia (ver Hall, 2006, p. 13). O homem está constantemente à procura da sua identidade para ser unificado, mas com tudo o que nos rodeia, isso é simplesmente impossível. Com base nas reflexões de Derrida (1981), Hall (2006, p. 61) explica: "...ele procura o fechamento (a identidade), mas ele é constantemente perturbado (pela diferença). Ele está constantemente escapulindo de nós. Existem sempre significados suplementares sobre os quais não temos qualquer controle, que surgirão e subverterão nossas tentativas para criar mundos fixos e estáveis."

Na modernidade, a questão da identidade não pode se dividir da questão da identidade nacional. Como o indivíduo se assimila com a sua identidade nacional enquanto uma das fontes

de identidade cultural? Ernest Gellner (1983) diz: "Um homem deve ter uma nacionalidade, assim como deve ter um nariz e duas orelhas." Hall (2006, p.48) argumenta que: "As identidades nacionais não são coisas com as quais nos nascemos, mas são formadas e transformadas no interior da representação. "Quer dizer, nos só vemos a nação da maneira de que ela está representada. Frequentemente, na esteira das argumentações de Benedict Anderson (1983), a identidade nacional é chamada uma "comunidade imaginada". Imaginada porque a maioria dos fatos que sabemos sobre uma nação é um produto da imaginação, são sentidos contados nas histórias sobre a nação, produto da memória que conecta o presente com o passado. O teórico Homi Bhabha (1990) explicou: "As nações, tais como as narrativas, perdem suas origens nos mitos do tempo e efetivam plenamente seus horizontes apenas nos olhos da mente." No ensaio "Qu'est-ce qu'une nation?" o filósofo francês Ernest Renan (citado em Hall 2006) disse que o princípio estrutural da unidade de uma nação constitui-se de três elementos: as memórias do passado, o desejo por viver em conjunto e a perpetuação da herança. As memórias do passado, referem-se à nossa tendência de se voltar para o passado, a restaurar as identidades passadas. O conjunto refere-se ao sentimento de pertencimento à mesma e grande família nacional, mas a verdade é que a maioria das nações só foram unificadas por uma conquista violenta e que são compostas de diferentes classes sociais, grupos étnicos e várias raças. O objetivo desses componentes é reunir pessoas de todas as esferas da vida, criando um senso compartilhado de identidade nacional, onde cada indivíduo é reconhecido e valorizado, independentemente de sua origem em termos de etnia, classe social ou gênero. O objetivo é promover um sentimento de pertença e unidade dentro da nação.

2.1. "Fase do espelho"

Outra maneira de pensar sobre identidade é aquela que provém da visão psicanalítica de Jacques Lacan (1977) e refere-se à chamada fase do espelho. Na explicação sumária de Stuart Hall (2006), uma criança sem coordenação e sem senso de si mesma, como um indivíduo completo, percebe ou imagina-se a si própria refletida. Seja num reflexo do espelho ou nos olhos de outro, como um indivíduo completo. Quando somos crianças, a imagem do eu inteiro é algo que aprendemos gradualmente e com grande dificuldade. (Hall, 2006, p. 37) Com dificuldade, porque é formada em relação com os outros como a família ou com os sistemas simbólicos como a língua, a cultura e a diferença sexual. Nesta fase vulnerável, há uma luta de sentimentos, uma divisão entre amor e ódio pelos pais, dificuldade em distinguir entre o bem e o mal, negação da sua parte feminina ou masculina. Essas lutas permanecem para sempre em

nós e o indivíduo permanece para sempre dividido, mesmo que formou uma imagem de eu como pessoa unificada na fase de espelho. Olhando assim, a identidade é formada ao longo do tempo, permanece sempre incompleta e em vês de falar de identidade, deveríamos falar de um processo de identificação, um processo em andamento onde o indivíduo é sempre em busca da identidade. (ver Hall, 2006, p. 39)

2.2. A globalização

A globalização é relacionada ao caráter das mudanças na pós-modernidade. As mudanças rápidas e imprevisíveis estão tornando desafiador estabelecer nossa própria identidade. Laclau (1990) diz que as sociedades modernas não têm nenhum centro, elas são caracterizadas pela diferença. Harvey (1989, citado em Hall, 2006) afirma que a sociedade moderna "é caracterizada por um processo sem fim de rupturas e fragmentações internas no seu próprio interior."

Importante é a transformação do tempo e do espaço, descaracterizado pela globalização que tem obscurecido fronteiras, encurtado distâncias, e redefinido como vivemos. Nas palavras de Hall (2006): "Uma das características principais é a "compressão espaço-tempo", a aceleração dos processos globais, de forma que se sente que o mundo é menor e as distâncias mais curtas, que os eventos em um determinado lugar têm um impacto imediato sobre pessoas e lugares situados a uma grande distancia." Tempo e espaço estão no interior de diferentes sistemas de representação, como: escrita, pintura, desenho, fotografia, sistemas de telecomunicação e têm efeito sobre a forma como as identidades são representadas.

A globalização é vista como um influenciador fundamental na formação da evolução da sociedade pós-moderna, reformulando as normas culturais, apagando as fronteiras tradicionais do tempo e do espaço, e redefinindo a identidade individual em face da enorme quantidade de informações e do ritmo acelerado de mudança no nosso mundo interconectado. Podemos constatar que a globalização reafirmou a improbabilidade de uma identidade. Acerca disso Stuart Hall (2006) afirma: "Somos confrontados por uma gama de diferentes identidades (cada qual nos fazendo apelos, ou melhor, fazendo apelos a diferentes partes de nós), dentre as quais parece possível fazer uma escolha."

Por outro lado, a globalização tem características positivas, ela abre a possibilidade de criação de novas identidades.

2.3. A tradição

Ao contrário das novas identidades, algumas identidades gravitam em direção à tradição: "...tentando recuperar sua pureza anterior e recobrir as unidades e certezas que são sentidas como tendo sido perdidas." (Hall, 2006). Mas, existem também as identidades que não são fixas, identidades em transição, divididos, ao mesmo tempo, entre as seus recursos e diferentes tradições culturais que são produto da globalização. Robins (1991), faz diferença entre *a tradição* e *a tradução*. O termo *tradução* refere se nos indivíduos que mantêm fortes conexões com suas raízes e herança cultural, reconhecendo que o progresso e a mudança são inevitáveis e necessários. "... pertencem a uma e, ao mesmo tempo, a várias “casas” (e não a uma “casa” particular)." (Hall, 2006) Essas “formações de identidade”, não são unificadas e pertencem a uma cultura híbrida. Em contraste, há um esforço significativo sendo feito para reviver identidades autênticas e trazer um senso de finalidade para a mistura de culturas e diversidade.

3. Conceição Evaristo

Maria da Conceição Evaristo de Brito nasceu em 29 de novembro de 1946 em Belo Horizonte, numa família pobre e modesta. Mesmo que foi muito difícil, ela terminou a escola primária, graças a esforços da sua mãe que achava que a educação era a possibilidade para a gente sair da pobreza. Conceição não tinha a televisão, o rádio, o dinheiro para ir nas festas, e a leitura servia para ela como uma procura para solucionar algumas questões da adolescência. Lendo revistas velhas, jornais e poucos livros recolhidos do lixo ou recebidos das casas dos ricos, ela se interessou pela leitura. E a leitura provocou a escrita.

"Se a leitura desde a adolescência foi para mim um meio, uma maneira de suportar o mundo, pois me proporcionava um duplo movimento de fuga e inserção no espaço em que eu vivia, a escrita também desde aquela época, abarcava estas duas possibilidades. Fugir para sonhar e inserir-se para modificar. Essa inserção para mim pedia a escrita. E se inconscientemente desde pequena, nas redações escolares eu inventava outro mundo, pois dentro dos meus limites de compreensão, eu já havia entendido a precariedade da vida que nos era oferecida, aos poucos fui ganhando uma consciência. Consciência que compromete a minha escrita como um lugar de auto-afirmação de minhas particularidades, de minhas especificidades como sujeito-mulher-negra." (Evaristo, 2007)

Já na escola, a Conceição começou bem a notar a diferença social que existiu na época. "Foi em uma ambiência escolar marcada por práticas pedagógicas excelentes para uns, e nefastas para outros, que descobri com mais intensidade a nossa condição de negros e pobres. Geograficamente, no curso primário experimentei um „apartheid“ escolar. O prédio era uma construção de dois andares. No andar superior, ficavam as classes dos mais adiantados, dos que recebiam medalhas, dos que não repetiam a série, dos que cantavam e dançavam nas festas e das meninas que coroavam Nossa Senhora. O ensino religioso era obrigatório e ali como na igreja os anjos eram loiros, sempre. Passei o curso primário, quase todo, desejando ser aluna de umas das salas do andar superior. Minhas irmãs, irmãos, todos os alunos pobres e eu sempre ficávamos alocados nas classes do porão do prédio. Porões da escola, porões dos navios." (EVARISTO, 2009)

Depois da escola primária, ela fez um Curso Ginásial e em 1973 o concurso para professora primária. Naquele mesmo ano, ela mudou para o Rio de Janeiro, e graduou-se em

Letras e, no ano de 1996, escreveu a dissertação *Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade*, onde falou da literatura brasileira produzida por negros e sobre as relações raciais na sociedade. Em 2011 doutorou-se em Literatura Comparada na Universidade Federal Fluminense. Mesmo que escreva desde que foi pequena, a sua primeira publicação foi em 1990 nas *Caderns Negras*, com o grupo Quilombhoje¹, um grupo de escritores afro-brasileiros. O grupo social que aprovou seus textos foi mesmo o grupo social negro, principalmente as mulheres. Numa entrevista para Itaú Cultural (2015), declarou que o que marca o seu texto é a sua subjetividade de mulher negra na sociedade brasileira e a luta de criar um texto que distancia de uma literatura que nos estereotipe. Diz que não quer criar estereótipos e trabalhar com um imaginário que a sociedade já tem o nosso respeito. Ela quer escrever criando um outro imaginário, escrever de um outro lugar.

"Esses processos de construção de personagens e enredos destoam dos modos estereotipados ou da invisibilidade com que negros e mestiços são tratados pela literatura brasileira, em geral." (Evaristo, 2009)

A sua primeira publicação individual foi em 2003, o romance *Ponciá Vicêncio*. O nome do romance tem o nome da protagonista, uma mulher negra. O seu segundo romance, *Becos da memória*, foi publicado no ano de 2006 e tem a temática da violência numa comunidade favelada. Embora seja mais conhecida por sua ficção, ela é também autora das obras poéticas, contos e ensaios. Em 2008 publicou o livro *Poemas de recordação e outros movimentos* e em 2011 o livro *Insubmissas lágrimas de mulheres, com treze contos*. Seguiram outras obras famosas e todas com a temática similar: a mulher negra, injustiça social, discriminação racial.

Atualmente, Conceição Evaristo é o nome muito famoso no Brasil, mesmo fora do país, algumas das suas obras são traduzidas nas várias línguas. Participe de vários eventos, incluindo conferências literárias nacionais e internacionais. Ela é a ganhadora dos prêmios como: Prêmio Camélia da Liberdade (2007), Prêmio Ori (2007), Prêmio Jabuti (2015), Premio Faz a Diferença - Categoria Prosa (2017), Prêmio Cláudia - Categoria Cultura (2017) e tantas outras. Em 2018 foi a primeira escritora negra vencedora do prêmio Governo de Minas Gerais em Literatura e em 2019, foi homenageada pelo premio mais importante da literatura nacional, o Prêmio Jabuti,

¹ A palavra quilombo é originária do idioma africano quimbunco, que significa: sociedade formada por jovens guerreiros que pertenciam a grupo étnicos desenraizados de suas comunidades. (<https://conaq.org.br/quem-somos/>)

como personalidade literária. Mesmo agora, enquanto esta tese de mestrado está a ser escrita, no dia 8 de março, a Conceição se tornou a primeira mulher negra a ingressar na Academia Mineira de Letras. Hoje, é muito famosa, mas o seu caminho até aqui foi muito difícil.

Na citação seguinte, a própria Conceição Evaristo evoca os momentos difíceis da sua infância. Não era de se esperar que ela conseguisse uma educação, e mesmo assim, que ela conseguisse completar a sua educação. "E as famílias tradicionais para quem nós trabalhávamos não me indicariam e nunca indicaram; não imaginavam e não queriam para mim um outro lugar a não ser aquele que "naturalmente" haviam me reservado. Houve mesmo uma patroa de minha tia, numa casa em que eu ainda menina e já mocinha ia fazer limpeza, lavar fraldas de bebês, ajudar nas festas, entregar roupas limpas e buscar as sujas, que fez a seguinte observação: "Maria, não sei porquê você esforça tanto para a Preta estudar!" " (Duarte, 2006)

No Brasil, como se pode ler nas palavras de Evaristo, é difícil a posição de uma autora feminina, e especialmente uma autora negra feminina: "Eu represento uma minoria enquanto pessoa negra que está em um determinado espaço que foi sempre de uma grande maioria branca. Se você pensa em uma autoria brasileira, você vai pensar em uma autoria masculina, depois feminina branca e, por último, pensar em uma autoria negra de homens e só depois de mulheres." (Nogueira Ribeiro e Pitasse, 2018)

E o fato de Conceição, uma mulher negra, ter conseguido completar sua educação em tal contexto social injusto e ter conseguido que suas letras que contam histórias suas, dos seus e dos todos os afrodescendentes vissem a luz do dia representa uma exceção dentro da regra dura que oculta as vozes de classe subalterna: "Estou com 70 anos e eu consegui. Se eu tivesse nascido numa outra condição, se o Brasil tivesse uma sociedade menos injusta, se os atos brasileiros quando tivessem "saído" do processo da escravidão, se não tivessem saído com uma mão na frente e outra atrás, então nos hoje, provavelmente, teríamos outro patamar, estaríamos em outro patamar dentro da sociedade brasileira. Me incomoda muito essa questão de dizer que, se você estudar, você consegue. Não é assim para todo mundo. Essas histórias de pessoas que vieram de classe subalterna, essas histórias, como a minha, apenas confirmam uma exceção dentro da regra." (Itaú Cultural, 2017)

3.1. O estilo

Conceição nasceu rodeada de palavras, "A nossa casa vazia de bens materiais era habitada por palavras. Mamãe contava, minha tia contava, meu tio velhinho contava, os vizinhos e amigos contavam. Tudo era narrado, tudo era motivo de prosa-poesia, afirmo sempre. Entretanto, ainda asseguro que o mundo da leitura, o da palavra escrita, também me foi apresentado no interior de minha família que, embora constituída por pessoas em sua maioria apenas semi-alfabetizadas, todas eram seduzidas pela leitura e pela escrita." (Evaristo, 2009) Em seu texto *Da grafia-desenho da minha mãe* (2007), ela diz: "Creio que a gênese de minha escrita está no acúmulo de tudo que ouvi desde a infância. O acúmulo de palavras, das histórias que habitavam nossa casa e adjacências. Dos fatos contados a meia voz, dos relatos da noite, segredos, histórias que as crianças não podiam ouvir. Eu fechava os olhos fingindo dormir e acordava todos os meus sentidos."

No depoimento (Itaú Cultural, 2016), ela contou que cresceu ouvindo histórias da escravidão e que hoje agradece muito ao ser nascida nessa ambiência, onde a memória oral foi muito cultivada. A sua literatura, o seu texto literário, são muito marcados pela oralidade. Declara que as palavras a sensibilizam muito para escrever. "Eu tenho um encantamento muito grande pelas palavras. Uma palavra, ela pode me despertar um texto."

Muitas vezes, uma palavra não é suficiente para ela expressar o que quer transmitir no papel, corpo, gesto, olhar. Diante desse problema, ela não é estranha em inventar novas palavras. Em 1995, nasce o termo *Escrevivência*: "Eu tenho trabalhado com isso desde 1995, com a minha dissertação de mestrado, em que eu faço um jogo com as palavras: escrever, viver, se ver, escrever vivendo, escrever se vendo. Depois surge o termo "escrevivência". (Nogueira Ribeiro e Pitasse, 2018) Ela utilizou a num seminário de literatura formado por mulheres negras: "A nossa escrevivência não é para adormecer os da casa grande, mas sim para acordá-los dos seus sonhos injustos." Aqui, ela referiu-se na função das mães pretas que tinham a função de contar histórias para adormecer os da Casa Grande.

Seus textos são profundamente marcados pela sua experiência de mulher negra na sociedade brasileira. É uma escrevivência da vida do povo negro, homens, mulheres, crianças, as experiências da coletividade negra. No depoimento (Itaú Cultural, 2017), ela declarou que o todo o que ela escreve parte das suas experiências ou das experiências dos seus ou duma

experiência que ela vive de certa forma. Diz que a sua competência literária parte muito das observações, do espaço que ela vive, das pessoas que a contaminam. Os momentos do cotidiano a chamam atenção e são matérias que ela constrói através observações. Nessas cenas do cotidiano ela constroem as personagens que tem a ver com a sua experiência. A afirmativa de Evaristo está relacionada a uma ancestralidade, escrita marcada pela condição de mulher negra na sociedade brasileira, descendente de povos africanos, pessoa diaspórica. (Silva; Cardoso, p.99) Então, a identidade Evaristiana é primeiramente a identidade da mulher negra.

"E a partir do exercício de pensar a minha própria escrita, venho afirmando não só a existência de uma literatura afro-brasileira, mas também a presença de uma vertente negra feminina... Em síntese, quando escrevo, quando invento, quando crio a minha ficção, não me desvinculo de um "corpo-mulher-negra em vivência" e que por ser esse "o meu corpo, e não outro", vivi e vivo experiências que um corpo não negro, não mulher, jamais experimenta... E então, volto a insistir: a sociedade que me cerca, com as perversidades do racismo e do sexismo que enfrento desde criança, somada ao pertencimento a uma determinada classe social, na qual nasci e cresci, e na qual ainda hoje vivem os meus familiares e a grande maioria negra, certamente influenciou e influencia em minha subjetividade." (Evaristo, 2009)

3.2. As obras

Como já mencionado, as obras principais da Evaristo são os romances, mas ela também escreve a poesia, os ensaios, os contos e novelas. Ao lado do romance *Pônciá Vicêncio* (2003), ao qual dedicaremos mais atenção posteriormente, o seu segundo romance publicado é *Becos da Memória* (2006). Nesse romance, impõe-se o problema que a sociedade não quer ouvir a voz de uma mulher. Conceição quer se opor a tais condições e Maria-Nova, a protagonista do romance, não precisa que ninguém fale por ela. Através dos três capítulos do romance, ela fala por vozes esquecidas e todas aquelas histórias esquecidas que uma sociedade subalternada e injusta tem suprimidos. "Essa personagem é narradora, ela relembra inclusive histórias que ela ouviu contar o tempo todo que era a história de escravidão quer dizer histórias de um passado remoto brasileiro, mas ao mesmo tempo um passado e presente." (Pallas Editora, 2020) No prefácio do seu livro, a Conceição diz: "Na base, no fundamento da narrativa de Becos está uma vivência, que foi minha e dos meus. Escrever Becos foi perseguir uma escrevivência." (Evaristo, 2017) Por outro lado ela afirma: "As histórias são inventadas, mesmo as reais, quando são contadas. Entre o acontecimento e a narração do fato, há um espaço em profundidade, é ali que

explode a invenção. Nesse sentido venho afirmando: nada que está narrado em Becos da memória é verdade, nada que está narrado em Becos da memória é mentira. Ali busquei escrever a ficção como se estivesse escrevendo a realidade vivida, a verdade." É uma escrevivência das várias mulheres negras, resumida em uma voz só. Uma das características da sua escrita é a genealogia-feminina, "...uma árvore que tem como raiz uma mulher que segura na mão da outra... Desse modo, é importante ratificar que uma mulher se liga a outra por uma existência anterior, de mãe para filha e vice-versa..." (Costa Sousa R. L., Viana de Freitas R., 2018)

No ano 2008 publicou o seu primeiro livro da poesia, *Poemas de recordação e outros movimentos*. A sua poesia é o seu canto da resistência. Resistência ao todo que causou o sofrimento do povo negro e a grande espera por uma vida melhor. O que podemos ver numa dos seus poemas, *Todas as manhãs* (2008):

E acredito, acredito sim
que os nossos sonhos protegidos
pelos lençóis da noite
ao se abrirem um a um
no varal de um novo tempo
escorrem as lágrimas
fertilizando toda a terra
Onde negras sementes resistem
reamanhecendo esperanças em nós.

No seu artigo, *Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira* (2010), Conceição Evaristo diz: "Pela poesia, inscreve-se, então, o que o mundo poderia ser... Para determinados povos, principalmente aqueles que foram colonizados, a poesia torna-se um dos lugares de criação, de manutenção e de difusão de memória, de identidade. Torna-se um lugar de transgressão ao apresentar fatos e interpretações novas a uma história que antes só trazia a marca, o selo do colonizador." Nas culturas africanas é presente a poesia oral, as canções tradicionais que serviam como a arma, mas ao mesmo tempo que juntaram a comunidade e provocavam um sentimento de pertença ao grupo.

Uma obra muito famosa é a antologia dos contos *Olhos d'água* (2014) por qual Conceição recebi o prêmio Jabuti. A questão principal do primeiro conto, que dá nome ao livro

é: *De que cor são os olhos da sua mãe?* Depois de que ela recebe a resposta, ela tenta a descobrir a cor dos olhos da sua filha. "Hoje, quando já alcancei a cor dos olhos de minha mãe, tento descobrir a cor dos olhos de minha filha. Faço a brincadeira em que os olhos de uma são o espelho dos olhos da outra. "E um dia desses me surpreendi com um gesto de minha menina. Quando nós duas estávamos nesse doce jogo, ela tocou suavemente o meu rosto, me contemplando intensamente. E, enquanto jogava o olhar dela no meu, perguntou baixinho, mas tão baixinho como se fosse uma pergunta que para ela mesma, ou como estivesse buscando ou encontrando a revelação de um mistério ou de um grande segredo. Eu escutei quando, sussurrando, minha filha falou: *Mãe, qual é a cor tão úmida de seus olhos?*" Aqui temos o elemento da ancestralidade, o motivo frequente nas obras da Conceição, é uma herança que nos determina e o motivo de herança é o motivo mais forte que se protege durante o tempo todo na obra *Pônciá Vicêncio*.

4. Representações da identidade no romance Ponciá Vicêncio de Conceição Evaristo

No prefácio do livro *Conceição* explica que o livro é dedicado aos seus entes queridos. Principalmente para as mulheres que a cercam; irmã, filha, mãe... Ela dá a entender que falará sobre *o tempo de espera* e sobre a história, dos seus irmãos que são *testemunhas de tantas histórias*. O título *Ponciá Vicêncio* vem do nome do protagonista principal cuja vida acompanhamos no romance. Aprendemos que Ponciá passou por muitas dificuldades em sua vida, a perda de seus entes próximos e queridos, altos e baixos emocionais, injustiça social. O romance é narrado sem exageros, de modo realista, o que nos dá uma imagem concreta. Os motivos da mulher, do negro, da família, da terra, da tradição e da herança, são repetidos para facilitar a conexão do passado com o presente. "Ponciá nos arrasta consigo pelo processo de lembrar." (PV, p.5) A ligação entre o passado e o presente é o fio condutor do texto.

O romance começa com a recordação da infância, do tempo quando Ponciá viveu na Vila Vicêncio, quando gostava de todo, quando gostava do viver. Agora ela vive na cidade com muita ansiedade no peito. A primeira pessoa que ela lembra é seu avô, Vô Vicêncio. Descobrimos que ele deixou-lhe alguma herança, mas não descobrimos o quê, e essa curiosidade se estende por todo o romance. Do seu pai não se lembra muito. Aqui podemos ver a ausência do pai, que Conceição teve também na sua vida: "A ausência de um pai foi dirimida um pouco pela presença de meu padrasto, mas, sem dúvida alguma, o fato de eu ter tido duas mães suavizou muito o vazio paterno que me rondava." (Evaristo, 2009)

Ponciá é uma mulher negra que cresceu ouvindo as histórias dos membros de sua família, principalmente sobre eventos familiares infelizes e o destino infeliz dos negros que vivem e trabalham na terra de outras pessoas, que são como marionetes em uma corda e fazem o que os brancos lhes dizem. Para escapar desse destino infeliz, ela decidiu aprender o alfabeto e receber uma educação para que pudesse deixar o povoado e ir para a cidade. "Quando Ponciá Vicêncio resolveu sair do povoado onde nascera, a decisão chegou forte e repentina. Estava cansada de tudo ali. De trabalhar o barro com a mãe, de ir e vir às terras dos brancos e voltar de mãos vazias... Ela acreditava que poderia traçar outros caminhos, inventar uma vida nova." (PV, p.32) A migração é um dos fenômenos que marcaram a sociedade afro-brasileira e, em específico, as mulheres negras dessa sociedade o que aproxima esse retrato ficcional da realidade social concreta.

E Ponciá conseguiu a deixar o povoado e os seus, ela acreditava que na cidade lhe espera uma vida melhor e que lá ela pudesse ganhar tanto dinheiro e que poderia voltar no campo e buscar a mãe e o irmão. Mas, na verdade, na cidade ela era mais pobre, porque ela não tinha ao lado as pessoas que ela ama. Tinha uma saudade intensa dos que tinham ficado.

Quando chegou na cidade Ponciá tinha 19 anos e não conhecia ninguém. O primeiro lugar onde ela andou é a catedral. Ela imediatamente comparou as estátuas de santos com aquelas que eles têm no campo. "A primeira impressão sentida por Ponciá Vicencio no interior da igreja foi de que os santos fossem de verdade. Eram grandes como as pessoas. Estavam limpos e penteados. Pareciam até que tinham sido banhados. Eles deveriam ser mais poderosos do que os da capelinha do lugarejo onde ela havia nascido." (PV, p.34) A religião desempenha um papel muito importante na criação de um sentimento de pertença e a crença era o único bem que Ponciá havia no começo da sua aventura na cidade.

Ponciá começou a trabalhar como a empregada doméstica, enamorou se e casou por um homem. E todo parecia bem, mas a sua felicidade não durou muito tempo. Ela foi dominada por uma grande solidão, sentia um grande vazio. "No princípio quando o vazio ameaçava a encher a sua pessoa, ela ficava possuída pelo medo. Agora gostava da ausência, na qual ela se abrigava, desconhecendo-se, tornando-se alheia de seu próprio eu." (PV, p.44)

Enquanto esperava que o marido voltasse para casa, ela passava todo o tempo pensando e lembrando. "O amanhã de Ponciá era feito de esquecimento. (PV, p.16) Ela não gostava da cidade, não estava feliz com o marido: "Olhou para ele, que se havia assentado na cama imunda, e se sentiu mais ainda desgostosa da vida." (PV, p. 21) Todas as suas memórias estavam relacionadas com a sua infância e o tempo em que viveu no campo com a sua família. Ela queria voltar para aqueles tempos melhores, para sua casa, onde fazia coisas de barro com a mãe, onde era tão bom ser mulher e onde a mulher, a sua mãe, tinha o poder principal. "O pai era forte, o irmão quase um homem, a mãe mandava e eles obedeciam. Era tao bom ser mulher!" (PV, p.24)

Assim que ela economizou algum dinheiro, Ponciá decidiu voltar para casa para pegar sua mãe e seu irmão. Nessa casinha ela sentiu-se tao bom: "Um cheiro bom do mato, terra e chuva invadiu a casa. Com a coração aos pulos, reconciliou-se com o lugar. " (PV, p.48) Infelizmente, ela não encontrou ninguém e voltou de sua casa para a cidade, para a casa do

marido. Ela dormiu tão bem no campo, e agora ela retorna para as noites sem dormir. Sofre agressões físicas e sete abortos.

Luandi, irmão da Ponciá, também decide migrar para a cidade. Os três, a mãe, a Ponciá e o Luandi, todos tem como o único desejo de se reencontrar um dia. Todos os três encontraram conforto nas palavras da velha Nêngua Kainda, que lhes disse que chegaria o dia em que todos se encontrariam novamente e que Ponciá cumpriria sua herança.

Finalmente, a família se reencontra e a Ponciá recebe a herança do seu avô; a loucura. "Andava como se quisesse emendar um tempo ao outro, seguia agarrando tudo, o passado-presente-e-o-que-há-de-vir." (PV, p.132)

Ao longo do romance, encontramos muitos personagens cujas personalidades não são descritas superficialmente, mas a Conceição vai até o seu núcleo e conhecemos muitas histórias ao lado dessa da Ponciá. Porém, devido às limitações do nosso trabalho, focaremos na personagem principal como figura central, na questão da identidade da Ponciá.

4.1. Ponciá Vicêncio

Ponciá Vicêncio construa sua identidade através das lembranças, ela reconta a história sua e dos seus do modo fragmentado. Essa formação da imagem sobre si mesma através das lembranças, o teórico, Jan Assman (2005, citado em Bojić, 2013) chama de *cultura da lembrança*. "Trata-se duma idéia que toda comunidade enxerga como sua obrigação social, ou seja, uma obrigação do grupo incluindo aquilo que um grupo não se pode permitir esquecer."

Ponciá gosta de lembrar da sua infância porque nesse período da vida, os seus dias eram cheios da felicidade. O romance começa com uma recordação da Ponciá quando viu o arco-íris: "Quando Ponciá Vicêncio viu o arco-íris no céu sentiu um calafrio. Recordou o medo que tivera durante toda a sua infância." (PV, p.9) Ponciá, menina, temia que se passasse por baixo do arco-íris ela se tornaria um menino. Ela não queria isso, ela gostava de si mesma, gostava de ser mulher. Mas agora, na cidade, ela mesmo tem medo de observar o céu, ela o "observa como se pedisse a Deus socorro." (PV, p.9) e não vê nenhum mal na ideia de virar um homem. A memória para Ponciá era a maneira de sobreviver os dias cheios da angústia na cidade. Ela manteve-se viva através de memórias. E como o afirma o sociólogo Jeffrey Olick, "A memória

(...) é a forma básica da nossa relação com o passado, da nossa existência através do tempo".
(2011)

Ponciá tem enfrentado o problema de se identificar com ela mesma desde a infância. O que acrescentava essa dificuldade de se autorreconhecer, era o problema de aceitar o próprio nome. "O tempo passava, a menina crescia e não se acostumava com o próprio nome. Continuava achando o nome vazio, distante." (PV, p.27) Na sua obra *Memória e Identidade*, além da importância da memória no processo de identificação, Joel Candau, também enfatiza a importância do próprio nome: "Todo dever de memória passa em primeiro lugar pela restituição de nomes próprios. Apagar o nome de uma pessoa de sua memória é negar sua existência..." (Candau, 2011) O sobrenome Vicêncio é o sobrenome típico dos descendentes de escravos africanos. Representa a superioridade branca sobre o povo negro. Assim, desde o nascimento, Ponciá foi marcada pelas dificuldades da vida que seus antepassados suportaram ao longo da história. Quando era mais nova, Ponciá sonhava um outro nome para si, mesmo agora, ela considera-se inominada. O tempo passou deixando a marca daqueles que se fizeram donos das terras e dos homens. "E Ponciá? De onde teria surgido Ponciá? Por quê? Em que memória do tempo estaria escrito o significado do nome dela? Ponciá Vicêncio era para ela um nome que não tinha dono." (PV, p.27) E como o nome marca a identidade, o desejo de outro nome torna o processo de identificação mais problemático. Nas suas obras, diversos teóricos apontam para a relação fundamental entre o nome e a identidade. Entre eles, Paul Ricoeur (1997, p. 424): "Dizer a identidade de um indivíduo ou de uma comunidade é responder à questão: *Quem* fez tal ação? *Quem* é o seu agente, o seu autor? Essa questão é primeiramente respondida nomeando-se alguém, isto é, designando-o por um nome próprio."

Na infância, ou, na *fase de espelho*, como a chama o Jacques Lacan, nos somos mais frágeis, absorvemos tudo ao nosso redor como esponjas. E Ponciá cresceu em condições difíceis, numa família trabalhadora, na pobreza, rodeada de pessoas que trabalhavam para os outros e não tinham uma identidade própria e sólida. Então, foi muito difícil para ela construir uma imagem de si mesma durante essa fase. Assim, ela foi condenada de construir sua identidade depois, através de memórias. "Ponciá gostava vida em recordar a vida. Era também uma forma de viver." (PV, p. 93).

Ponciá só queria sentir que pertence a algum lugar, à família, à terra. Como consta no romance: "A mãe e o irmão eram sempre a matéria de sua memória." (PV, p.94) Podemos aqui

citar as palavras da própria Conecição Evaristo acerca da importância da família e da figura da mãe: "É preciso observar que a família representou para a mulher negra uma das maiores formas de resistência e de sobrevivência. Como heroínas do cotidiano desenvolvem suas batalhas longe de qualquer clamor de glórias. Mães reais e/ou simbólicas, como as das Casas de Axé, foram e são elas, muitas vezes sozinhas, as grandes responsáveis não só pela subsistência do grupo, assim como pela manutenção da memória cultural no interior do mesmo." (Evaristo, 2005)

Outros trechos de romance também evocam a importância da figura materna: "Várias vezes seus olhos bisaram a imagem de uma mãe negra rodeada de filhos. De velhas e de velhos sentados no tempo passado e presente de um sofrimento antigo. Bisaram também a cena de pequenos, crianças que, com uma enxada na mão, ajudavam a lavar a terra." (PV, p.48)

Uma outra figura familiar muito importante para Ponciá é o Vô Vicêncio. Ela não tinha oportunidade de lhe conhecer bem, mas todos contavam que se assemelhavam muito. "Diziam que ela, assim como ele, gostava de olhar o vazio. Ponciá Vicêncio não respondia, mas sabia para onde estava olhando. Ela via tudo, via o próprio vazio." (PV, p.28) Ponciá quando começou a andar, ela andou como ele curvada com a mão nas costas. "A neta, desde menina, era o gesto repetitivo do avô no tempo." (PV, p.63) Ponciá aprendeu da sua mãe como trabalhar com o barro e um dia ela fez a figura do Vô Vicêncio. "Agora havia feito aquele homenzinho de barro, tao igual ao velho." (PV, p.18) E a primeira vez quando ela voltou para a Vila, única coisa que ela levou consigo para a cidade é o *homem do barro*. Esse trabalho do barro é a ligação com a ancestralidade africana. É uma atividade ligada as mulheres negras, passada de geração em geração. Aponta-se aqui, portanto, para a conexão com suas raízes e herança cultural, o que Robins (1991) chama *tradução*.

O símbolo do barro é importante não só porque é uma maneira de sustentar a família, mas também porque é tirado do solo onde eles moravam, do solo onde são suas raízes. E Ponciá, com sua ida para a cidade, perde as suas raízes, ela esta em constante procura deles, da sua família. "Resumindo, as representações dos rituais, hábitos e práticas religiosas como modos de lembrança cultural, revelam a figuração de uma tentativa de continuação dessas práticas simbólicas no novo país, mas também desvelam a desagregação dos sistemas coletivos de identificação." (Bojić, p.153)

Ao longo do romance, a personagem de Ponciá se encontra numa busca de si mesma, mas também na busca do coletivo, na busca dum sentimento de pertença que lhe traria o sentido de continuar vivendo.

4.2. Outras personagens

Nêngua Kainda, personagem que não mencionamos até agora, mas é muito importante. Ela é a pessoa mais velha da Vila que possui uma grande sabedoria. Podemos dizer que ela é o guardião das memórias de todos que lá vivem. Nêngua é uma voz ancestral que ajuda a Ponciá e aos outros na formação das suas identidades. E precisamente dela aprendemos como Ponciá deve cumprir sua herança. "Lembrou-se da fala da Nêngua Kainda, quando esperançosa, tinha voltado ao povoado em busca da família. Nêngua lhe havia dito que em qualquer lugar, em qualquer tempo, a herança que Vô Vicêncio tinha deixado para ela seria recebida. Ponciá ouvia esta conversa desde pequena. Que legado do avo seria pertença dela?" (PV, p.61) A partir das histórias da Nêngua, da sua oralidade, as personagens aprendem sobre as crenças, costumes e tradições, e das suas próprias histórias.

Luandi, irmão da Ponciá, também decidiu migrar para a cidade. O primeiro dia, quando chegou, ele foi arrestado, mas ficou feliz porque o soldado era um negro. "Na cidade, negro também mandava!" (PV, p.70) Luandi não sabia como ler nem assinar, mas a partir desse momento, ele queria aprender. "Quería mandar. Prender. Bater. Quería ter a voz alta e forte como a dos brancos." (PV, p.71) Um dia, ele decidiu voltar para o povoado e foi visitar a Nêngua para pedir a bênção dela. Ela bençoou-lhe e falou da sua mãe e irmã. Mas quando foi a vez dela falar dele, ela começou a rir e disse lhe que estava num caminho que não era dele. "Que estava querendo ter voz de mando, mas de que valeria mandar tanto, se sozinho?" (PV, p.96)

A mãe, Maria Vicêncio, não podia estar sozinha na roça, sem os seus filhos. E um dia, ela decide de ir para a cidade. Isto foi uma decisão muito difícil para ela porque a Maria até já nunca deixou a sua terra natal. "Se a sua vida era a da terra, em que ela vivia, o que faria agora longe de lá? Entretanto, preparava-se para se afastar do lugar onde havia nascido." (PV, p.108) Mas ela não podia ficar lá não sabendo nada dos seus filhos. A velha, Nêngua Kainda deu-lhe o endereço do Luandi, mas também advertiu lhe: "O humano não tem força para abreviar nada e, quando insiste, colhe o fruto verde, antes de amadurar. Tudo tem o seu tempo certo." (PV, p.109) Quería dizer que o reencontro dos três iria chegar, mas que depende da

vontade do tempo. No entanto, a mãe teve sorte e assim que desembarcou na estação, a primeira pessoa que viu foi o Soldado Nestor que a levou ao seu filho.

"O homem de Ponciá Vicêncio saía para o trabalho levando uma preocupação nova no peito. Tinha medo de que, quando chegasse em casa, a mulher tivesse saído." (PV, p.123) O susto dele foi justificado. Este homem, por quem Ponciá se apaixonou depois que chegou na cidade, fez tudo para fazê-la sentir ainda mais miserável, já ansiosa por não ter parentes. Ponciá, cheia de boas lembranças da infância e cheia de esperança, chega à cidade, mas logo tudo desaparece, ela se torna uma empregada doméstica, vítima do marido, mãe que sofreu sete abortos.

E no primeiro dia do serviço do Luandi, o dia do reencontro do irmão e irmã finalmente chegou. "E apesar de a estação ser pequena, a Luandi pareceu que uma distância de séculos se impunha entre ele e a mulher-miragem. " (Pv, p.126) Agora só faltava a mãe. Naquele momento, todas as suas memórias voltaram: "A mãe, com os olhos fechados, revivia outras cenas: a menina, Vô Vicêncio, a passagem dele, a passagem de seu homem, a sapiência da Nêngua Kainda, a terra dos negros, os trabalhos de barro, o filho agora e por enquanto soldado, a voz de mando, a terra dos brancos, a resistência teimosa e muitas vezes silenciosa do negro, travestida de uma falsa obediência ao branco. O tempo indo e vindo." (PV, p.128) Tudo passou, e a única coisa que era importante agora era que os três estavam juntos e que eles voltariam para as águas-mãe.

O romance acaba com a descoberta da Luandi: "Descobria também que não bastava saber ler e assinar o nome. Da leitura era preciso tirar outra sabedoria. Era preciso autorizar o texto da própria vida, assim como era preciso ajudar a construir a história dos seus. E que era preciso continuar decifrando nos vestígios do tempo os sentidos de tudo que ficara para trás. E perceber que, por baixo da assinatura do próprio punho outras letras e marcas havia." (PV, p.131) Sublinha-se aqui a importância da busca das raízes que vai além da simples educação. O povo negro é educado não só para conhecimentos como aprender o alfabeto e a assinatura. Eles são educados para poderem mudar as histórias dos negros e para que suas vozes possam finalmente ser ouvidas.

No final aparece mais uma vez a imagem do arco-íris "La fora, no céu cor de iris, um enorme angorô multicolorado se diluía lentamente..." (Pv, p.132) O passado, presente e

futuro se reencontram e fecham o ciclo do processo da identificação da Ponciá, e nós, os leitores, descobrimos que a Ponciá herdou "uma memória reencontrada pelos seus". (PV, p.132) A Ponciá herdou todos os sofrimentos quais a sua família viveu e devido à incapacidade de se livrar do peso do passado, ela ficou louca.

Ponciá queria construir a sua identidade avançando sozinha, mas não conseguiu. Não conseguiu sentir-se viva sem os seus familiares, sem o seu coletivo. No primeiro lugar, o Vô Vicêncio, mesmo sendo morto, para sempre vivo em suas memórias, que lhe deixou uma herança misteriosa. Em seguida, a sua mãe, Maria Vicêncio, matriz da família negra que transmite costumes e tradições aos filhos, que passou seu amor pela terra e o ofício de trabalhar com o barro para Ponciá. E seu irmão Luandi, a única figura masculina viva com quem ela poderia encontrar abrigo, porque com o marido ela tinha tudo menos isso.

Como já temos constatado, a ligação entre o passado e o presente é o fio condutor do texto, e a essa ligação, o fio condutor das vidas das personagens do romance, é a velha Nêgua Kainda, a fonte das tantas histórias dos moradores da Vila Vicêncio, ela com a sua sabedoria liga as pessoas com seus sábios conselhos. Ela ajuda a família Vicêncio de se reencontrar e de se voltar para a sua terra onde são suas raízes.

5. Conclusão

Como vivemos num tempo das muitas migrações e invenções, a questão de uma identidade única, fixa e imutável está se tornando cada vez mais ameaçada. Ou como o teórico Stuart Hall (2006) afirma, com a globalização e mudanças do tempo-espço, as identidades são tornadas deslocadas ou descentradas. E nos encontraremos cada vez mais frequentemente com o termo “*crise de identidade*”. Hall aponta para a artificialidade que está por trás da nossa ideia da identidade: "Se sentimos que temos uma identidade unificada desde o nascimento até a morte é apenas porque construímos uma cômoda estória sobre nós mesmos ou uma confortadora *narrativa do eu*." (Hall, 2006, p.13) As pessoas tratam a construir as suas identidades através das suas histórias, das histórias dos seus, porque a questão da identidade esta definida historicamente. Mas não podemos falar de uma só identidade, porque nos vivemos num coletivo e esse coletivo vá estar concosco para sempre, não importa para onde decidamos ir.

A questão da identidade está presente nas obras da escritora afro-brasileira Conceição Evaristo. A escritura para a Conceição Evaristo era como uma fuga da realidade, da sociedade injusta, nas favelas onde moravam os afro-brasileiros. A Conceição escuta as histórias dos seus antepassados e transforma as suas oralidades nas letras. "A minha literatura parte dum espaço social ou de uma ficcionalização que não é o meu campo. Não existe um julgamento de valor. O que eu quero afirmar é o lugar da diferença... Eu concebo meus textos a partir da minha condição de mulher negra." (Evaristo, 2017) A Conceição conta a história, o que um texto histórico não pode transmitir ao leitor porque lhe falta emoção: "A literatura tem o poder de comover, de sensibilizar ao leitor, a leitora, muito mais do que um texto histórico, por mais das informações que traga, é um texto objetivo, mas ela sensibiliza o leitor, ela lida um texto histórico com as emoções. Muitas informações que um jovem não perceba através do estudo da história do Brasil, ele pode aprender essas informações através um texto." (Evaristo, 2020) Acerca-se, portanto, esse tipo de escrita, da literatura documental. As frases pobres contrastam com a riqueza de emoções e sentimentos que passam entre as linhas. As palavras não têm um gesto, um corpo, um olhar... mas isso dá-lhe um toque de sedução. Às vezes o silêncio significa mais do que palavras.

O termo *escrevivência*, é o termo inventado por Conceição Evaristo. A *escrevivência* da Conceição é marcada pela sua experiência da mulher negra na sociedade Brasileira, pela experiência da coletividade negra. Fala do povo negro, homens, mulheres, crianças... Ela ao

mesmo tempo escreve e lembra-se. Lembra-se das vivências pessoais e das vivências dos seus queridos, tenta fugir da realidade, tenta esquecer e inventa. "Acho que a escrevivência serve também para as pessoas pensarem. Cada pessoa que parar e pensar na sua própria vida pode fazer uma ficção, é só ter um pouquinho de vocação para aumentar aqui e para diminuir lá, para contar uma mentirinha aqui, uma verdadinha ali... E se cria uma ficção." (Evaristo, 2020)

Uma pessoa inventada por Conceição Evaristo, é a Ponciá Vicencio, a protagonista do romance com o mesmo nome. A Ponciá esta na busca constante da sua identidade. Ponciá é uma personagem perdida entre o passado e o presente e chama si mesma "inominada". Então em vez de falar de identidade da Ponciá, podemos dizer que esse romance fala da "i(n)dentidade" da Ponciá, ela sem a identidade própria, migra para a cidade em busca duma vida melhor e em busca de um eu novo. Infelizmente, na cidade Ponciá torna-se ainda mais frágil e se perde totalmente. Na verdade, nesse romance trata se de autoconhecimento da Ponciá, por meio da qual, nós, leitores, passamos a conhecer melhor nos mesmos. "Se a memória é a via de acesso de Ponciá ao seu autoconhecimento, é também através dela, do que a voz narrativa reconstrói, que nos leitores penetramos no âmago das suas emoções e passamos a conhecer a história pessoal de cada um." (PV, p.6) E a Ponciá se conhece pelo conhecimento do coletivo.

Se calhar, possamos dizer que a identidade da Ponciá representasse a identidade das todas mulheres negras no Brasil, do povo negro brasileiro. Cujas histórias finalmente viram a luz do dia e podem ser lidas graças ao sucesso da Conceição Evaristo.

6. Bibliografia

1. Associação dos Juizes Federais do Brasil “Conceição Evaristo comenta a importância da literatura plural para um país diverso” 21 de novembro de 2019. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=9xgOC-pdzLI> Acesso em 12 de setembro de 2024.
2. Bhabha, H. “Narrating the Nation”. Londres: Routledge, 1990.
3. Bojić, M. “Memoria e identidade na obra de Milton Hatoum” Tese de doutorado, Universidade de Zagreb, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 2013.
4. Bojić, M. “Memória cultural e identidade em Milton Hatoum”. *Studia Romanica et Anglica Zagrabienisa*, 2015, 60, p.145 – 163
5. Candau, J. “Memória e identidade”, São Paulo: Contexto, 2011, p. 68.
6. Costa Sousa R. L., Viana de Freitas R. “A genealogia negro-brasileira contemporânea de autoria feminina na literatura de Conceição Evaristo: Tempo, Temporalidade e Ancestralidade em Olhos d’água” (2018) <https://www.revistas.usp.br/criacaoecritica/article/view/171360/171777>. Acesso em 03 de agosto de 2024.
7. Derrida, J. “Writing and Difference”, Londres: Routledge, 1981.
8. Descartes, R. “Discours de la Méthode”, 1637.
9. Duarte, E. de A., “O Bildungsroman afro-brasileiro de Conceição Evaristo”, Florianópolis, Rev. Estud. Fem. Depoimento concedido a Eduardo de Assis Duarte, 2006.
10. Elias, N. “A sociedade dos Indivíduos”, Rio de Janeiro: J. Zahar, 1994.
11. Evaristo, C. “A história serve também para as pessoas pensarem”. *Itaú Social*, 9 de novembro de 2020. Disponível em <https://www.itausocial.org.br/noticias/conceicao-evaristo-a-escrevivencia-serve-tambem-para-as-pessoas-pensarem/> Acesso em 12 de setembro de 2024.
12. Evaristo, C. “Becos da Memória”, Rio de Janeiro: Pallas, 2017.
13. Evaristo, C. “Da grafia-desenho de minha mae: um dos lugares de nascimento de minha escrita”, In: Marcos Antônio Alexandre (org.). Belo Horizonte: Mazza Edições, 2007.
14. Evaristo, C. “Da representação à auto-apresentação da mulher negra na literatura brasileira.” *Revista Palmares*, Palmares, ano 1, n. 1, p. 52-57, ago. 2005. Disponível em: http://www.palmares.gov.br/?page_id=6320 Acesso em 05 de março de 2024

15. Evaristo, C., “Conceição Evaristo por Conceição Evaristo” Depoimento no I Colóquio de Escritoras Mineiras Belo Horizonte, Maio de 2009.
16. Evaristo, C., “Literatura negra: uma voz quilombola na literatura brasileira” In: PEREIRA, Edimilson de Almeida (Org.). Um tigre na floresta de signos: estudos sobre poesia e demandas sociais no Brasil. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2010. p. 132-142.
17. Evaristo, C., “Literatura Negra: uma poética de nossa afro-brasilidade”, In: Scripta, Belo Horizonte, Editora PUC Minas, v. 13, n. 25, 2º semestre 2009.
18. Evaristo, C., “Olhos d’Água”, Rio de Janeiro: Pallas, 2015.
19. Evaristo C., “Poemas da recordação e outros movimentos” 3. ed. Rio de Janeiro: Malê, 2017.
20. Evaristo, C., “Ponciá Vicêncio” 2. ed. Belo Horizonte: Mazza Edições, 2005.
21. Gellner, E. “Nations and Nationalism”, Oxford: Blackwell, 1983.
22. Halbwachs M., “A memória coletiva”, Edições Vértice, Editora revista dos tribunais Ltda. São Paulo, Brasil, 1990.
23. Hall, S. (2006), “A identidade cultural na pós-modernidade”, Tradução: Tomaz Tadeu da Silva Guacira Lopes Louro, 11ª edição, DP&A editora, Rio de Janeiro, Brasil
24. Harvey, D. “The condition of Post-Modernity”, Oxford: Oxford University Press, 1989.
25. Itaú Cultural, Conceição Evaristo – Encontros de Interrogação (2015) Uma conversa com a autora, depoimento gravado durante o evento Escritora-Leitora, em maio de 2015, no Itaú Cultural, em São Paulo. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dHAaZQPIF8I>. Acesso em 16 de julho de 2024.
26. Itaú Cultural, Conceição Evaristo – Flip (2016) – Parte 3/5. Uma conversa com a autora, depoimento gravado em junho de 2016 no Espaço Itaú Cultural de Literatura, em Paraty/RJ. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=R2Vm87otDK8>. Acesso em 16 de julho de 2024.
27. Itaú Cultural, Conceição Evaristo – Flip (2016) – Parte 5/5. Uma conversa com a autora, depoimento gravado em junho de 2016 no Espaço Itaú Cultural de Literatura, em Paraty/RJ. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=dFsY72jgLnU>. Acesso em 05 de agosto de 2024.
28. Itaú Cultural, O ponto de partida da escrita – Ocupação Conceição Evaristo (2017), Uma conversa com a autora, gravação realizada em março de 2017 no Rio de Janeiro. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=3CWDQvX7rno>. Acesso em 16 de julho de 2024.

29. Lacan, J. “The mirror stage as formative of the function of the I”, Londres: Tavistock, 1977.
30. Le Goff, J. “História e Memória”, Campinas: Editora da Unicamp, 5. ed., 2003, p. 469-470.
31. Locke, J. “An essay concerning Human Understanding”, Londres: Fontana, 1967.
32. Mercer, K. “Welcome to the jungle”, In Rutherford, J. *Identity*. Londres: Lawrence and Wishart, 1990.
33. Nogueira Ribeiro, P. e Pitasse M. Brasil de Fato: “Ser escritora não rompe com o imaginário em relação às mulheres negras”, 25 de julho de 2018. Disponível em: <https://racismoambiental.net.br/2018/07/25/ser-escritora-nao-rompe-com-o-imaginario-em-relacao-as-mulheres-negras/> Acesso em 16 de julho de 2024.
34. Olick J; Vinitzky-Seroussi, V; Levy, D. (orgs.) *The Collective Memory Reader*. New York: Oxford University Press, 2011, p. 6.
35. Pallas Editora, Conceição Evaristo - Becos da Memória. Uma conversa com a autora, depoimento gravado em dezembro de 2020. Filmado e editado por Aurelio Olios. Disponível em https://www.youtube.com/watch?v=CwGID_ymQUs Acesso em 03 de agosto de 2024.
36. Pallas Editoras, Conceição Evaristo “Ponciá Vicêncio”. Uma conversa com a autora, depoimento gravado em dezembro de 2020. Filmado e editado por Aurelio Olios. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=It-JG6HzD3M> Acesso em 03 de agosto de 2024.
37. Renan, E. “What is a nation?” *Narrating the Nation*. Londres: Routledge, 1990.
38. Ricoeur, P. “*Tempo e narrativa*” - Tomo III. Campinas: Papirus, 1997.
39. Robins, K. “Tradition and translation: national culture in its global context”, In Corner J. and Harvey S. (orgs.) *Enterprise and Heritage: Crosscurrents of National Culture*. Londres: Routledge, 1991.
40. Santos, F. M., Gomes, S. H. de A., “Do segundo corpo: investimentos na imaterialidade” Goiânia: FUNAP, 2013.
41. Silva, E. K. S. e Cardoso, S. M., “CONCEIÇÃO EVARISTO: DA MULHER NEGRA À ESCRITORA”, *Afro-Ásia*, núm. 59, 2019, Janeiro-Junho, pp. 77-101 Universidade Federal da Bahia. Disponível em: <https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=77066579003> Acesso em 03 de agosto de 2024.